

PRÔFI, EU NÃO GOSTEI... ou que livro indicar para alunos avessos à leitura

SIMONE SOUZA DE ASSUMPÇÃO

professora de Literatura

"Que livro chato. Eu não entendi nada." Tais frases fazem parte da rotina de todo professor de Literatura, excetuando aquele filme *Sociedade dos poetas mortos*. Já que vivemos em realidade terceiro-mundista, bem sabemos que a leitura, e muito especialmente a leitura literária, é prioridade na vida de poucos.

Então, o que fazer? Cruzar os braços e esperar o trem passar? Não. A alternativa é buscar autores novos, gente que tenha algo a dizer, e principalmente para os adolescentes, os *teens*, para usar a última moda lingüística.

Antes de mais nada, é preciso saber quais os temas que inquietam o público juvenil. Geralmente, eles estão envolvidos com questões de ordem filosófica, tais como o último disco do Sepultura, quem "ficou" com quem na última festinha, o jogo do Grêmio e Palmeiras e assim por diante.

Tudo bem. São todas estas questões fundamentais para o aborrescente, digo, adolescente. Entretanto, contudo, todavia, não podemos nós, professores de Língua e Literatura, ser marginalizados de tal processo formativo. Queremos atuar, influenciar, formar e por isso gritamos: Leitura já!

E daí? - o leitor inquieto pergunta a este texto. Que livro escolher? Pois bem, leitor amigo, deixo aqui uma sugestão. Refiro-me ao último livro do escritor gaúcho Marcelo Carneiro da Cunha, publicado pela Editora Projeto, que recebeu o Prêmio da Crítica Paulista (1995): DUDA 2 - A MISSÃO. Trata-se de uma narrativa ágil e bem estruturada, que apresenta a vida agitada de um adolescente, envolvido com aquilo que é próprio dos *teens*: ficar ou namorar, ser compreendido ou não pelos pais, ser adulto ou não ser.

O narrador, num primeiro momento, tenta apresentar ao leitor a sua vida: a Duda Informática, firma que o *teen* "inventou", os pais, a escola, a namorada, a banda. Um universo aparentemente

confuso aos poucos vai se organizando aos olhos do leitor, que entra na vida de Duda, interessando-se pelos inúmeros movimentos da personagem.

O coloquialismo da linguagem e a ação ininterrupta da história são eficazes até a última de suas páginas. Apresentando um vocabulário de fácil compreensão, a narrativa em uma ou duas passagens adiciona uma palavra supostamente desconhecida para os menores de quinze anos. É o que se vê no trecho a seguir:

Eles nem quiseram saber como a gente achou aquelas jóias, o que é melhor mesmo, porque a coisa toda não foi lá muito dentro da lei, porque eu acho que a Cláudia e eu, a gente não tinha que ter entrado daquele jeito na casa onde a gente encontrou as jóias, e isso eu sei porque fui eu que fui parar no hospital com uma concussão - que é um jeito de dizer que eu bati feio com a cabeça na hora que nós entramos na casa para recuperar as jóias (p.9).

Um outro aspecto a salientar, no que se refere a DUDA 2, é a perspectiva. Trata-se de uma narrativa do ponto de vista *teen*; pois o uso da primeira pessoa do singular permite a larga expansão dos pensamentos e ações desse narrador que, sendo "o dono da história", organiza, altera e apresenta o real e o imaginário sob a sua ótica e a da quase-meio namorada Cláudia, também uma adolescente:

Agora eu tou mais preocupada é com o meu pai. Porque ele tá com um problema grande. Só que ele não vai me contar. Sabe como é adulto. Eles nunca acham que a gente entende, que a gente pode fazer coisas, ajudar, sei lá (p.79).

Há sempre um desafio a ser superado. Quando Duda conhece um jornalista "de verdade", decide adotá-lo como seu mentor. Surge então Tadeu, uma personagem também inquieta, que trabalha num jornal conhecidíssimo de Porto Alegre. Pois bem, esse Tadeu resolve ajudar Duda no seu objetivo de torná-lo

um repórter. Para tanto, exige do *teen* a leitura de algumas obras em apenas duas semanas. São elas *Reinações de Narizinho*, *Olga*, *Memórias póstumas*, de Machado, um livro do próprio Tadeu sobre a imprensa no Brasil, além de um Hemingway (!!!).

A leitura é um de seus desafios, e Duda o vence à altura. Lê todas as obras e as discute com o mestre-jornalista, o que causa um certo ciúme no pai do primeiro. Depois disso, Duda é encarregado de assinar jornais do centro do País, com a tarefa específica de ler todos os dias a coluna do Jânio de Freitas, na *Folha de S. Paulo*. Como se vê, são tarefas árduas as da personagem, que é constantemente exigida não só na sua ação, quando desbarata uma quadrilha de chantagistas ligada à indústria farmacêutica, como quando é exigido intelectualmente.

O conhecimento que Duda tem sobre informática permite que ele administre sua vida financeira e a da família. Quando ganha seu computador de presente, ele passa a dar aulas e a valorizar seu trabalho profissionalmente. É o que se observa no seguinte trecho:

perguntei pro meu pai se havia recados, liguei pra duas mães super chatas que queriam que os filhinhos aprendessem a mexer em computador mas que não gostaram do meu preço. Eu falei que por mim tudo bem, o meu preço era mais alto do que o de outras escolas, mas que o meu PC é dez, os softwares são legalizados e custam mais, e que eu não trabalho de graça (p.99).

Talvez esse seja o adolescente com o qual todos nós sonhamos. Tudo bem. Vale a pena sonhar um pouco, não é mesmo? E a literatura está aí pra isso mesmo, nos fazendo constantemente imaginar alternativas de existência. Quanto à leitura em si, é como diz a contracapa: DUDA 2 - A MISSÃO é pior do que batata frita. Começou, não pára mais.